



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
LICENCIATURA PLENA EM LÍNGUA PORTUGUESA

GILMA CRISTINA FLÔR

**A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA DO IDEÁRIO FEMININO NA LITERATURA
INFANTIL**

CAMPINA GRANDE – PB

2016

GILMA CRISTINA FLÔR

**A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA DO IDEÁRIO FEMININO NA LITERATURA
INFANTIL**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, requisito para a conclusão do curso de licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba, na área de Língua Portuguesa, sob a orientação do Prof. Dr. Edson Tavares Costa.

Campina Grande- PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F632c Flor, Gilma Cristina

A construção imagética do ideário feminino na literatura infantil [manuscrito] / Gilma Cristina Flor. - 2016.

23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Prof. Dr. Edson Tavares Costa, Departamento de
Letras e Artes".

1.Literatura Infantil 2.Identidade 3. Emancipação Feminina
I. Título.

21. ed. CDD 808.068

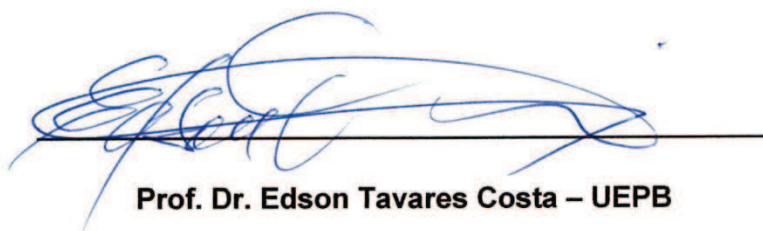
GILMA CRISTINA FLÔR

**A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA DO IDEÁRIO FEMININO NA LITERATURA
INFANTIL**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, requisito para a conclusão do curso de licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba, na área de Língua Portuguesa, sob a orientação do Prof. Dr. Edson Tavares Costa.

Aprovada em: 16 de 05 de 16.

BANCA EXAMINADORA



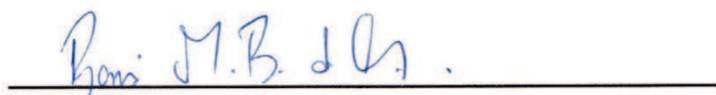
Prof. Dr. Edson Tavares Costa – UEPB

(Orientador)



Prof. Ms. Jhonatan Leal da Costa – UEPB

(Avaliador)



Prof. Esp. Ranieri Machado Bezerra de Mello – UEPB

(Avaliador)

Nota 9,5

Dedico este trabalho a minha família, pela credibilidade, carinho, força, incentivo e intenso companheirismo, nos melhores e decisivos momentos da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me permitir fechar esse ciclo, por abrir meu coração, ensinando-me a abraçar com esmero a profissão de ensinar, e por me conceder o dom da vida, para que desfrute de momentos aprazíveis como este;

Em especial, a Ornilo Peixoto, que cuidou zelosamente dos nossos filhos, enquanto eu me ausentava;

Aos meus filhos, por representarem o que há de melhor em mim;

A minha irmã, Socorro Flor, que foi meu espelho, na escolha dessa profissão;

A minha mãe, que, mesmo distante, me incentivou nessa empreitada;

Ao Professor Edson Tavares, que prontamente me guiou para a concretização deste trabalho;

E a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para esta conquista.

Ou lutamos pela igualdade, ou viveremos em um arquipélago de ilhotas de opulência e de privilégios perdidos no seio de um oceano frio de miséria, medo e desprezo pelo outro.”

Loïc Wacquant

A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA DO IDEÁRIO FEMININO NA LITERATURA INFANTIL

Gilma Cristina Flôr

Prof. Dr. Edson Tavares Costa (Orientador)

RESUMO

Este trabalho busca investigar a construção da imagem feminina na literatura infantil, explorando a passividade da mulher referendada pelo conto de fadas “Rapunzel” e a sua subjetividade na releitura deste mesmo conto através do filme “Enrolados”. Para conduzir e credenciar este enfoque, serão utilizados teóricos como Stuart Mill (2006) Zuleika Alambert (1986), Nísia Floresta (1989), Jauss (1979) e Zilberman(2003) que subsidiarão questões concernentes à construção da identidade e a subjetividade feminina, ambas demarcadas pelo ideário psicológico das personagens, assim como pelas relações de poder e gênero, que incidem sobre o pensamento feminino.

Palavras-chave: Literatura infantil – Identidade – Emancipação feminina

1 INTRODUÇÃO

Os textos literários provocam reflexões de natureza cognitiva e afetiva, permitindo ao leitor a entrada em um mundo desconhecido, capaz de instiga-lo a desenvolver o imaginário. A leitura desses textos é algo que fascina, que leva a um mundo desconhecido e mágico, que desperta a curiosidade e o desejo pelo saber. Considerando a leitura como um ato de ressignificação e de apropriação dos conhecimentos de mundo, a literatura infantil torna-se um canal que possibilita a formação de um cidadão capaz de entender a realidade social, atuar sobre ela e transformá-la, independentemente da idade cronológica.

Desde os contos clássicos, até as produções contemporâneas, os escritores oferecem um leque de personagens femininas, famosas e populares, que habitarão o cotidiano infantil, justificando ou contribuindo para a reformulação de antigos estereótipos. Recentemente, têm surgido personagens femininas que sugerem uma

modificação quanto ao valor estético, que assumem características diferentes ao longo da narrativa, e que são avessas à dicotomia dominador e dominado. Os criadores destas personagens buscam trajetórias nas quais haja um elo entre a formação identitária e a emancipação feminina.

O principal objetivo, aqui, é fornecer elementos que agucem a curiosidade, e provocar, entre as crianças, o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo sobre a condição da mulher na sociedade atual. Para tanto, é possível utilizar o filme “*Enrolados*”, um longa-metragem de animação, produzido pela Walt Disney Animation Studios e distribuído pela Walt Disney Pictures(2010), e o conto de fadas “Rapunzel” escrito pelos irmãos Grimm, o primeiro como releitura do segundo.

2 UMA MULHER QUE NÃO ESPERA APENAS POR UM PRÍNCIPE ENCANTADO: RELAÇÃO DE GÊNERO E PODER

Legitimações das verdades reconhecidas pelas mulheres que buscam seu reconhecimento e autoafirmação aludem a convicções desencadeadas e formalizadas através de movimentos com atuações nacionais e internacionais, cuja essência é dissociar do imaginário social elementos sexistas e discriminatórios sofridos pelas mulheres. Neste segmento, a Constituição Brasileira de 1988 traz avanços, em relação aos anseios dos grupos feministas que vislumbram um cenário emancipatório para as mulheres, isto porque marca a instituição dos direitos e da cidadania feminina no Brasil, atribuindo-lhes certo empoderamento, que converge para a equidade de gêneros, alargando as possibilidades da afirmação pessoal, ressaltando as conquistas legais e as práticas sociais.

O esforço para aprimorar e assegurar a equiparação entre homens e mulheres, frente aos deveres e direitos, faz com que os movimentos feministas exijam novos paradigmas capazes de alocar a mulher no processo de incorporação das políticas públicas de ressignificação da construção da sua identidade neste sistema hierárquico (dominador/dominado) e binário (homem/mulher), haja visto que estas viabilizam a sua saída das atribuições domésticas para o mercado de trabalho, acentuada notadamente com o advento da revolução industrial.

Passar a assumir esse hibridismo entre ambas as atividades foi hastear uma bandeira desbravadora, que exigiria autoconfiança, legitimidade nas próprias ações, e a crença de que as diferenças cristalizadas através dos aspectos culturais não segregariam a mulher a um estado de apatia, visto que, a partir deste ponto e pela primeira vez, ela percebeu sua própria força e não deixou de tomar as rédeas do seu destino. Essa conquista embasou um processo de transformação mais amplo, a mulher signatária deste desejo por emancipação deixou-se escravizar dentro das fábricas, visando obter certa projeção social, haja visto que sua presença dentro da produção fabril se tornou essencial aos olhos da sociedade mercantilista.

Mesmo diante do exposto, a história da mulher brasileira no mercado de trabalho está sendo escrita de forma diferente, ela tem se mantido ao longo do tempo sobre uma base que, fundamentalmente, possui dois quesitos: a redução na quantidade de filhos ou ausência deles e o aumento no nível de instrução escolar da população feminina. Estes dois fatores têm alcançado um resultado exitoso na crescente inserção da mulher no mercado de trabalho e na elevação da sua renda.

Com o passar do tempo, o movimento de mulheres articulou-se em torno do enfoque da igualdade, sem se dar conta de que o próprio conceito de igualdade existia a partir de um modelo masculino e patriarcal de organização política. A partir de 1975, surge a “Década da Mulher”, como consequência das lutas do movimento feminista, iniciado em 1970. Vários encontros foram organizados tendo como foco o fim da discriminação da mulher, enquadrando-a nos planos de desenvolvimento sociocultural e econômico. Esses encontros foram as Conferências Mundiais das Nações Unidas, Copenhague (1980), Nairóbi (1985) e Beijing (1995).

Em 1979, com base na Declaração Universal dos Direitos Humanos, foi confirmada a convenção internacional sobre a abolição de todas as formas de discriminação contra as mulheres. Essas conferências passaram a ser um espaço para o fortalecimento das questões de gênero, buscando a discussão de ações coletivas e estratégias para a formulação e implementação de políticas públicas voltadas para tal objetivo. Somente após a conquista dos chamados direitos civis é que começa a disseminação de um ideal em torno da igualdade e das relações de gênero. Esses questionamentos acontecem ao passo em que as relações existentes

entre masculino e feminino são percebidas como relações assimétricas e que se instalam tanto na vida pessoal quanto na vida profissional.

Mill (2006) sinaliza para o fato de que a subserviência feminina ao aceitar as péssimas condições de trabalho e as jornadas opressivas, por exemplo, no mercado de trabalho, faria com que a mulher, de certa forma, estivesse sendo posta à prova. O filósofo questiona também o fato de que as mulheres estão sempre em uma luta contra forças que parecem, de alguma forma, imbatíveis, pois a sociedade enfrenta gradualmente grandes transformações nas relações civis.

Apesar dessas tendências liberais, o gênero feminino continua a ser subjugado. Mill (*op. cit.*) enfatiza que o modo de pensar é reticente, mas natural, e condizente com o momento histórico. O pensamento da sociedade, ainda hoje, contém, em sua essência, dogmas opressores do passado, mas ainda presentes, intrínseca e desapercivelmente, nos discursos sociais, principalmente no tocante à sujeição, aos costumes e aos sentimentos, e este último como uma marca da personalidade e mantenedor da ideia da servidão feminina.

Para romper com esses laços, movimentos feministas contemporâneos se levantam com uma ideologia diferente da entendida por Nísia Floresta (1989), grande defensora da mulher e da sua condição feminina, a qual defende os anseios pela conquista do espaço democrático, livre das amarras do preconceito machista. Tais movimentos surgem resguardando o princípio de que a mulher deve usar o corpo para protestar contra uma sociedade castradora, que não a protege. Embora diferentes, movimentos como a “Marcha das Vadias” tentam expressar uma nova forma de chamar a atenção para as causas das mulheres, com o intuito de transparecer a nova cara no feminismo, através da irreverência e da surpresa.

Na contramão desse modelo irreverente, Maria da Penha, assim como fez o pensamento nisiano, uma mulher vitimada pela violência doméstica, buscou mecanismos que a protegessem do seu agressor, isto porque, não encontrando, em leis brasileiras, indícios de segurança em relação às ameaças sofridas, buscou a legislação internacional para ampará-la contra os maus tratos e tentativas de homicídios sofridos por parte do marido.

O caso Maria da Penha tornou-se o primeiro a ser aceito pela Organização dos Estados Americanos (OEA), mais especificamente pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos. A partir de então, a Comissão da OEA publicou o Relatório nº 54, de 2001, que, dentre outras resoluções, indicou que fosse instaurado a continuidade e o aprofundamento do processo reformatório do sistema legislativo nacional, a fim de minimizar a violência doméstica contra a mulher no Brasil.

A sanção da Lei 11.340/2006, conhecida como “Lei Maria da Penha”, representa um avanço na proteção da mulher vítima da violência familiar e doméstica, incluindo, também, uma inovação legal quanto às formas de gênero já positivadas. Os objetivos do Plano Nacional de Política para as Mulheres contidos no Anexo I da Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006, p.45), regulamenta e instaura os seguintes pontos:

1. Autonomia, Igualdade no Mundo do Trabalho e Cidadania
 - 1.1. Promover a autonomia econômica e financeira das mulheres.
 - 1.2. Promover a equidade de gênero, raça e etnia nas relações de trabalho.
 - 1.3. Promover políticas de ações afirmativas que assegurem a condição das mulheres como sujeitos sociais e políticos.
 - 1.4. Ampliar a inclusão das mulheres na reforma agrária e na agricultura familiar.
 - 1.5. Promover o direito à vida na cidade, com qualidade, acesso a bens e serviços públicos.

A modificação no comportamento feminino deu-se de forma segura e abrangente, tornando a Lei 11.340 conhecida em todo o território nacional e por todas as camadas sociais. Não abriu portas apenas para que as mulheres aprendessem a se defender de maridos opressores, mas serviu de suporte para que houvesse uma tomada de consciência geral, enfocando perspectivas predominantes em diversas áreas da sociedade civil, que vão do acesso à cultura ao direito de escolhas. Neste sentido, Alembert (1986, p. 70) destaca:

A mulher independente deixou de desempenhar este papel de subordinação e já não é um mero reflexo do homem. Possui o seu próprio mundo interior, com interesses humanos gerais; é interiormente livre e exteriormente confia em si mesma.

As campanhas pelos direitos legais das mulheres como: o direito ao voto; à autonomia e à integridade de seu corpo; pelo direito ao aborto e aos direitos reprodutivos, assim como pela licença-maternidade; pela proteção contra a violência sexual, física ou moral; a salários equiparados aos destinados aos homens e a todas as outras formas de discriminação seja racial ou econômica, promovem essa tomada de consciência a que a mulher contemporânea está se permitindo.

3 A CONSTRUÇÃO DE UM PERSONAGEM: RESSIGNIFICANDO VALORES

O confronto entre a literatura e a realidade embasa um círculo de debates sobre como se formam as características dialógicas acerca de um personagem. A sujeição da mulher, marcada na obra dos irmãos Grimm, através do conto “Rapunzel”, neste estudo, é confrontada com a releitura deste mesmo conto, através do filme “*Enrolados*”, de Walt Disney. Os personagens apresentados representam um marco reflexivo e sugerem um posicionamento crítico na interpretação do contexto sócio histórico, uma vez que a personagem Rapunzel, quando representada na literatura clássica, aparecia entrincheirada por estereótipos, marcada pelo silêncio e pela obediência aos valores vigentes da época.

A partir dos pressupostos característicos da Literatura Infantil como a formação de novos leitores, o desenvolvimento do pensamento crítico e a capacidade de interação entre o dito e o não dito, presente nas entrelinhas dos textos,

A literatura infantil contraria o caráter pedagógico antes referido. Sua atuação dá-se dentro de uma faixa de conhecimento, não porque transmite informações e ensinamentos morais, mas porque pode outorgar ao leitor a possibilidade de desdobramento de suas capacidades intelectuais. (Zilberman, 2003.p.46)

Surge, então, a correlação entre esses conceitos, que permite discussões sobre o novo papel da mulher na sociedade, como a vaidade, a independência e o poder de livre escolha. Estes, aliados a muitos outros elementos, como a virtude, a abnegação, a intuição intelectual e a agudeza de espírito (MILL,2006 p.10), têm proporcionado, nos últimos anos, um crescente interesse pela busca de uma literatura infantil que contemple e expresse esse conjunto de vieses sugeridos pela estética da recepção, na qual fundem-se a arte literária e o entendimento do

receptor, ambos pautados na (re)construção ideológica, interpretação e, por fim, na análise dialética da obra.

Ao aproximar o texto literário do universo do seu receptor, presume-se a possibilidade de se estabelecer o diálogo e, por conseguinte, tornar viável à criança o acesso ao mundo real, organizando suas experiências existenciais e ampliando seu domínio linguístico, bem como enriquecendo o imaginário” (CARVALHO, 2006, p. 46)

A construção identitária da criança vagueia sinuosamente entre o certo e o errado, entre a observação e os questionamentos, passando a perceber que não existe uma unidade retilínea, mas que a literatura oferece diversos caminhos para a construção do conhecimento, e que, através da observação, o objeto investigado será conduzido a várias interpretações, reunindo e elucidando elementos significativos, que permitam a descoberta do sentido embutido nas entrelinhas, independentemente do tempo em que se apresentar.

Essa linha tênue, que existe entre a literatura e a realidade, é capaz de revelar nuances próprias do desenvolvimento humano, cujas características podem estreitar a relação entre a arte literária e o receptor, transformando-os em elos de uma mesma corrente. A partir deste princípio, de que a literatura é atemporal e que se faz atual, Jauss (1979, p. 46) afirma que é preciso,

[...] de um lado aclarar o processo atual em que se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo e, de outro, reconstruir o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos.

Neste molde, os textos literários, enquanto narrativas curtas, ganham cada vez mais notoriedade e importância, na medida em que correspondem às expectativas de leitores contemporâneos, os quais encontram, nesse cenário, o desenlace da composição de um personagem que vagueia por um misto de realidade e encantamento. Dentro desta perspectiva, as personagens femininas das histórias infantis são classificadas em duas categorias: as boas e incapazes, e as malvadas e rebeldes, características marcantes principalmente nos contos dos irmãos Grimm.

Com a proposta de uma leitura mais clara e frutiva, o conto Rapunzel foi recolhido da tradição oral europeia pelos irmãos Grimm, Wilhelm e Jacob Grimm, e adaptado para o livro "*Contos Para a Infância e Para o Lar*", publicado pela primeira

vez em 1812. É a história de uma menina cujo nascimento era muito desejado por seus pais, e que, devido a uma casualidade, foi levada para longe deles, por uma terrível feiticeira, logo após seu nascimento. Rapunzel cresceu indiferente ao que precedera o seu nascimento, e se tornou uma linda menina. Quando completou doze anos, foi levada ao alto de uma torre, isolada do mundo. Para vê-la, a feiticeira gritava para que Rapunzel jogasse suas belas e longas tranças – seu cabelo jamais havia sido cortado –, e por eles a feiticeira subia, pois, a torre não possuía escadas. Certo dia, o filho do Rei encontrou a torre e descobriu como chegar ao alto, estabelecendo uma relação com Rapunzel, que, ingenuamente, falou sobre ele para a bruxa. Esta cortou-lhe os cabelos e expulsou-a, mandando-a para o deserto; quando o príncipe chegou, enganou-o jogando-lhe as tranças e o empurrou sobre um espinheiro, cegando seus olhos. Vagando pelo deserto, reencontrou Rapunzel, que, chorando sobre seus olhos, fê-lo enxergar de novo.

Opondo-se ao texto literário, é possível perceber, na releitura do conto “*Rapunzel*”, em “*Enrolados*”, a busca por novos papéis sociais, baseados em uma autonomia e independência. Isso mostra uma redefinição em relação às narrativas tradicionais, que apresentam as personagens femininas bem marcadas pela submissão e subordinadas ao poder masculino. Na releitura, Rapunzel pode ter passado toda a sua vida trancada numa torre secreta, mas isso não significa que ela é uma donzela em perigo. A princesa, com mais de 20 metros de cabelos dourados, é uma jovem vítima de uma trama cruel, pois foi retirada dos pais ainda bebê, assim como no conto clássico. Ela tem muita energia, preenche os seus dias com arte, livros e imaginação, e alimenta grande curiosidade sobre o mundo exterior; não consegue evitar pensar que o seu verdadeiro destino a aguarda além daquela torre. Rapunzel sempre obedeceu à mulher chamada Gothel, que conhecia como Mãe, que, por sua vez, mantinha o desejo de que Rapunzel permanecesse escondida, mantendo em segredo o seu cabelo mágico. Mas, quando um encantador ladrão procura refúgio na torre, Rapunzel desafia Gothel e aproveita a oportunidade para responder ao seu desejo de liberdade. Com a companhia do foragido Flynn Rider, Rapunzel deixa a torre pela primeira vez e vai se aventurar por muitos perigos.

4 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O CONTO RAPUNZEL E A RELEITURA DO FILME “ENROLADOS”

Diante da condição feminina expressa anteriormente, marcada por tantas intempéries, tornou-se necessário realizar uma reflexão acerca do modo como a literatura infantil apresenta as personagens femininas às crianças. Marcadamente, existem paradigmas que precisam ser discutidos, a exemplo da violência psicológica sofrida pelos personagens, a subserviência, a dependência emocional com a busca do homem ideal representado pelo príncipe encantado, que transparece intrínseca nos livros de literatura infantil. A literatura apresenta as personagens femininas quase sempre passivas e incapazes, sem objetivos e sem sonhos, contentando-se com pouco, sem questionar, ou uma personagem vilã, muitas vezes representada como uma mulher fora dos padrões de beleza.

Para o início dessa análise, não se deve esquecer de que o filme “*Enrolados*” é, antes de tudo, uma releitura do conto “Rapunzel”. Nesse processo dialógico, para que se passe de um gênero a outro, é necessário que ocorra a mudança de estilo. Essa mudança estilística dá-se, principalmente, devido às necessidades do público a que se destina, que se alteram de acordo com a época em que ele se insere. Dessa maneira, as necessidades de crianças que viveram há séculos atrás, na época em que o conto foi escrito, não são as mesmas das crianças com que convivemos hoje. Se antes o passatempo delas era ouvir contos, hoje elas assistem a filmes em 3D, nos cinemas.

Estabelecendo um paralelo entre o conto e a obra audiovisual, é possível reparar semelhanças e diferenças, que se busca explicar através dos pensamentos que envolvem o enredo. Em “Rapunzel”, a situação problema se inicia quando o pai dela tenta roubar rabanetes para saciar o desejo de sua mulher ainda grávida; o fato de o pai aceitar dar a criança à bruxa, em troca dos rabanetes e do seu perdão, por ele ter invadido seu quintal, pode parecer, no primeiro momento, absurdo, mas é possível compreender que, naqueles tempos remotos, em que o conto foi escrito, os desejos de gravidez eram seriamente respeitados e temidos, e se caso não fossem cumpridos, acreditava-se que a situação resultaria até na morte das gestantes.

Em “Enrolados”, diferentemente de “Rapunzel”, a história se inicia com o sol que, um dia, deixou cair um pedacinho mágico sobre a terra, originando uma bela

flor, da qual a bruxa fazia uso para rejuvenescer. Essa mesma flor, capturada pelos soldados do rei para salvar Rapunzel e sua mãe, transmitiu seus poderes aos cabelos da menina, e despertou o interesse da bruxa, que a roubou para usufruir dos agora mágicos cabelos, como forma de rejuvenescimento.

O conto “Rapunzel” segue com a menina trancada no alto da torre, superprotegida pela mãe, até o momento em que seu belo canto desperta o interesse do príncipe, que passava pelo local. A simplicidade de ações por parte da personagem, no conto dos Irmãos Grimm, destoa, e muito, do filme. No conto, Rapunzel tem um comportamento submisso, inocente e apático, demonstrando ser incapaz de lidar com as adversidades, desde o momento em que seu relacionamento com o príncipe é descoberto pela bruxa, e, por isso, sucumbe ao isolamento, quando é afastada da torre onde vivia.

Ali havia o príncipe e a bruxa para lhe fazerem companhia; depois que é expulsa do cárcere, e mesmo grávida, não procura a ajuda de ninguém, ficando evidente essa condição apenas no final da história quando ela reencontra o príncipe, que vaga sem destino pelo deserto, depois que a bruxa o empurrara da torre. Este comportamento configura a dependência e a inércia de uma mulher imatura, reprimida e sem perspectivas de alavancar seus desejos.

No filme “*Enrolados*”, Rapunzel é uma menina alegre, curiosa e astuta, cujos pensamentos são de sair da torre, conhecer mais do mundo, sabendo aproveitar as oportunidades com sagacidade e esperteza, e cuja capacidade de adaptação a situações inesperadas é admirável. Tornam-se óbvias essas características quando faz um acordo com Flynn Rider, para que a leve até as luzes voadoras, um grande sonho, que sozinha não seria capaz de conquistar, porque Gothel, sua pretensa mãe, não permitiria. Esse encontro casual só foi possível porque Flynn era um ladrão que chegou ao alto da torre apenas para se esconder dos soldados do rei.

Tanto no filme quanto no conto, é muito forte a presença da bruxa, que, em ambos os gêneros, se passa por mãe verdadeira de Rapunzel. Porém, no filme, por ter sua presença com todas as características, falas e gestos, fica bastante forte a imagem de mãe protetora, que busca o bem da filha, acima de qualquer coisa.

No conto, ao roubar Rapunzel e prendê-la em uma torre, privando-a de uma vida normal e de crescer ao lado de seus verdadeiros pais, apenas para criá-la sob seu domínio, como se o exílio de Rapunzel fosse a razão de sua existência, a bruxa mostra-se, acima de tudo, egoísta. No filme, essa situação é revestida pelo valor da vaidade, um tema bastante atual. A bruxa de *“Enrolados”* faz as vezes de mãe amável, para disfarçar seu egoísmo em querer a menina sempre trancada sob seu domínio, para manter-se sempre jovem.

Se, no conto, Rapunzel é filha de camponeses, descoberta por um príncipe, em *“Enrolados”* ela era a própria princesa perdida, e aquele, que deveria ser um príncipe, era, na verdade, um ladrão procurado pelo reino, por ter roubado a coroa, que deveria pertencer à Rapunzel. Nessa inversão de valores se dá grande parte da comicidade do filme. Nessa parte as diferenças entre as duas formas narrativas se sobressaem. Em *“Rapunzel”*, o amor entre a menina e o príncipe acontece no momento em que eles se encontram pela primeira vez; já em *“Enrolados”*, Flynn Ryder, ou José Bezerra, é o primeiro homem com quem Rapunzel tem contato. Naturalmente, a menina fica assustada ao vê-lo. Dessa maneira, o amor entre os dois acontece aos poucos, à medida que ambos vão se ajudando e dividindo experiências. Não há aqui o encantamento à primeira vista, denotando o caráter moderno da personagem.

Tanto no conto quanto no filme, o príncipe é o grande responsável pela reviravolta na vida de Rapunzel. Após várias aventuras em que a menina salva o malandro Flynn Ryder, fica demarcada a inversão de valores sugerida pela trama. A coragem de Rapunzel, no filme, seria improvável acontecer no conto, pois não estaria de acordo com os costumes da época. No entanto, em *“Enrolados”*, a atitude da menina não é surpreendente e retrata muito bem a adolescência do mundo em que vivemos, onde os jovens já não são tão submissos às vontades dos mais velhos. Percebemos os evidentes distanciamentos como: o local em que Rapunzel e seu par estavam (no conto era um deserto e no filme, a torre), o ferimento (no conto, era nos olhos, fazendo referência à paixão pueril e subalterna, através da linguagem simbólica do olhar, e, no filme, na barriga, representando o nascimento para novas perspectivas).

O ponto nevrálgico da trama ocorre com o rompimento entre as semelhanças do conto com a releitura, e se dá quando, em “*Enrolados*”, após ter os cabelos cortados, Rapunzel assume características físicas e performance diferentes. Claramente se evidencia a modificação do modo de pensar e entender o mundo que a rodeia.

5 DA SUBALTERNIDADE À CONQUISTA DA AUTONOMIA E DO PENSAMENTO CRÍTICO ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTIL.

O foco investigativo, ao se escolher essas duas obras, “Rapunzel” e “*Enrolados*”, perpassa pela necessidade de levar a criança à inquietação investigativa, fazê-la romper com ideias sistematizadas que demarcaram a sujeição da mulher, e não se conformar com a leitura superficial, mas buscar, nas entrelinhas do texto, as características marcantes das personalidades femininas, em ambas as obras, confrontando-as e procurando entender, por meio de suas personagens, os diferentes papéis que a mulher assumia anteriormente, e assume na sociedade atual.

Nas obras citadas, há a possibilidade de levar a criança a construir uma relação imaginária com o mundo real e de fazê-la reconhecer nuances intrínsecas, na conduta sexista e preconceituosa atribuída às personagens femininas, notadamente na literatura infantil. É neste momento em que o cerne da interpretação volta-se para confrontar os ideais femininos com os apresentados subjetivamente pelos textos literários, iniciando-se, portanto, uma abertura para a concretização e ressignificação da valorização da mulher.

As apresentações das obras em destaque revelam que as lutas femininas mantêm um pano de fundo maculado por um discurso machista e repressor, ocasionado por uma violência simbólica, na qual o discurso do dominador faz sucumbir o desejo de emancipação do dominado. A dissimulação dessa força repressora e preconceituosa instaura-se psicologicamente no âmago dos personagens citados acima, e se potencializa em um embate, no qual se confrontam o dominado (Rapunzel) pela condição servil à qual foi condicionado, e o dominador (Bruxa) na figura romantizada de um carrasco.

A adaptação do conto original “Rapunzel” para o filme “Enrolados” traz personagens que habitam o mesmo cenário, mas que assumem características diferentes em cada enredo, fazendo o leitor ou espectador perceber a presença das bruxas que se comportam como mães das personagens, mas que escondem propósitos diferentes. No conto original há o desejo apenas de afastamento da menina do seio da família, como forma de punição pelo pai ter adentrado sem autorização no quintal da feiticeira, e a pena seria, após o nascimento, entregar a criança à proprietária do terreno. Mais uma vez se caracteriza esse comportamento livre de laços afetivos, quando Rapunzel conta sobre o príncipe e é expulsa pela bruxa da torre, sem piedade, e movida apenas pela raiva; ela quis se vingar de ambos. Era uma situação pré-determinada.

Já em “Enrolados”, conta-se a história de uma rainha e um rei que aguardavam esperançosos o nascimento do bebê, pois a rainha estava grávida. Certo dia a rainha ficou muito doente, sabendo disso o rei pediu para que os soldados fossem à procura de uma flor mágica, nascida de uma gota pura da luz do sol e que possuía poderes curativos. A flor foi encontrada, colhida e levada ao rei para que fosse feito um chá para a rainha. Assim foi feito. Após ingerir a poção feita com a flor mágica, a rainha começou a sentir-se melhor. Gothel sabia da existência da flor e por diversas vezes fez uso de suas propriedades mágicas para manter-se jovem. Algum tempo depois a rainha deu à luz uma linda menina de cabelos dourados cujos fios tinham os mesmos poderes da flor e por isso não podiam ser cortados, inclusive o poder da juventude eterna. Sabendo disso, a bruxa sequestrou a menina para que continuasse tendo acesso ao poder do rejuvenescimento outorgado pela flor, e a levou para um lugar onde só ela teria contato com a princesa.

Interesses diferentes circundam o afastamento das personagens do núcleo familiar. Ambas foram aprisionadas no alto de torres, mas cada uma com motivação diferente: uma por intransigência (conto) e a outra por egoísmo (filme). Tais motivações, no conto, declinaram para um comportamento evasivo dos pais de Rapunzel, que, com medo da feiticeira, recusaram-se a manter contato com a filha; no filme, há um comportamento esperançoso da família, pelo retorno da princesa: seus pais, desde o seu sumiço, acendiam lanternas, que eram lançadas ao vento e iluminavam a noite, em homenagem ao seu nascimento, e, mesmo sem saberem,

motivavam a menina, que já tinha 18 anos, a procurar a origem daquelas luzes voadoras – nesta busca, e depois de muitas aventuras, Rapunzel descobriu todo o seu passado.

Os contos se assemelham, mais uma vez, quando os pretendentes ao amor das personagens são feridos e estas os curam com lágrimas. No conto, ao encontrar o príncipe caído na areia do deserto, Rapunzel chora, e suas lágrimas, ao caírem, respingam dentro dos olhos do amado, fazendo-o enxergar novamente. Na produção cinematográfica, no momento em que José Bezerra é ferido por Gothel, e cai, Rapunzel canta para que seu cabelo o cure:

Brilha linda flor,
 Teu poder venceu
 Traz de volta já
 O que uma vez foi meu
 Cura o que se feriu
 Salva o que se perdeu
 Traz de volta já
 O que uma vez foi meu,

Mas ele a interrompe e corta seu cabelo; neste instante, todo o poder mágico se desfaz, Gothel se vê velha e decadente. Rapunzel chora por não ter conseguido salvá-lo, mas suas lágrimas também eram curativas, e, ao tocarem o amado, fazem-no reviver. A partir de então, o casal se alegrou, pois Gothel não representava mais qualquer perigo. A princesa retornou para a família e José estava a salvo. Como no conto original, esses dois personagens também se casam, mas com um diferencial: Fica subentendido que eles mantêm a individualidade e os projetos pessoais. Já no conto tradicional, Rapunzel é levada, juntamente com os filhos, que teve sozinha, no período do exílio, para o reino do príncipe, passando a viver lá, e, se é possível, feliz para sempre.

Quando analisados, os contos de fadas permitem, de forma basilar, que a criança adquira consciência de si e do mundo à sua volta, devido a um dualismo subentendido, que classifica os personagens como bons ou maus, perfeitos ou imperfeitos, fortes ou fracos. Essas oposições intencionais fazem com que a criança compreenda valores básicos da conduta humana e do convívio social, transmitidos por uma linguagem simbólica, marcadamente contida nos contos de fadas, e que permite também a formação da consciência ética e reflexiva voltada para a construção do pensamento do interesse coletivo, margeado pelas concepções

sociais de direitos e deveres, tanto para os homens quanto para as mulheres, e não no plano individual.

Ao utilizar os contos de fadas, a criança se projeta momentaneamente nos personagens, e, adentrando no mundo da fantasia, vivencia um contato mais estreito com seus sentimentos, organizando seus conflitos e emoções. Desta maneira ela cresce e se desenvolve.

Dentro desta perspectiva, busca-se ampliar a importância da literatura infantil no contexto escolar configurando-a como elemento fundamental na formação da criatividade e criticidade, assim sendo, é permitido mostrar aos leitores que estas obras literárias, de forma positiva e centrada, refletem a vida das pessoas, seus sonhos, angústias, dúvidas, e as condições que determinam a força e o poder das classes sociais. Evidenciar as relações sociais marcadas nas obras selecionadas, “Rapunzel” e “*Enrolados*”, faz com que a criança possa desnudar os personagens, descortinando as características enevoadas pela linguagem literária, e que, grosso modo, ficam presentes no inconsciente infantil, através de informações superficiais. Os contos de fada permitem aos agentes leitores, a condição essencial nesse reconhecimento da construção do pensamento crítico e reflexivo que está por trás da divisão dos papéis sociais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura clássica leva as crianças a desenvolverem seu potencial crítico e analítico, entrelaçando um olhar simbiótico entre o pensamento real e o mundo imaginário dos contos infantis, criando nuances que levam o leitor a caminhos envolventes e desconhecidos; contudo, através destas diversidades de caminhos, o leitor pode conhecer a si e o mundo que o cerca.

É nesta seara que se fortalece, cada vez mais, a relação entre a criança como sujeito leitor e a literatura clássica, isto porque a criança geralmente se identifica com os personagens, absorvendo e se posicionando no mundo, criticamente, em consequência do lúdico da narrativa infantil, e, ao fazê-lo, passa a inferir sobre sua especificidade textual, sobre as relações que estabelece com variados campos da criatividade, justamente por ela ser o principal foco ao qual se dirigem os fazeres

ideológicos, democráticos e multiletrados, que permitem o crescimento intelectual do leitor.

A comparação entre o conto e o filme denota o confronto simbólico e representativo do perfil feminino, em épocas diferentes, retratados pela literatura; a equiparação de gêneros se evidencia em cenários similares, mas que refletem, paralelamente, a condição servil da mulher, retratada na obra “Rapunzel”, dos irmãos Grimm, e a audácia feminina, presente no filme “Enrolados”, de Walt Disney. Essa dicotomia, vivenciada pela mulher moderna, que uma hora tem que ser dócil e condescendente, e, em outra, precisa assumir uma postura dinâmica e irreverente, insere a mulher em um cenário cruel, no qual ela tem que desempenhar vários papéis, na busca pelo reconhecimento social e pessoal.

É possível aguçar a curiosidade e enlaçar conclusões porque falar sobre literatura é sempre fascinante, é ter a certeza de que acontece um verdadeiro desencadeamento de ações e emoções no pensamento do leitor. Esperamos que as experiências leitoras vividas pelas crianças, quando somadas, possam enaltecer o conhecimento estreitando as relações da criança com mundo real e com o imaginário, fazendo-a perceber uma imensa dimensão de possibilidades, de acordo com o contexto e com o tempo em que ocorrem as histórias.

ABSTRACT

This paper seeks to investigate the construction of the female image in children's literature, exploring the passivity of women endorsed by the “Rapunzel” fairy tale and its subjectivity in the retelling of that story through the movie “Enrolados”. To drive and accredit this approach will be used theorists such as Stuart Mill (2006), Zuleika Alembert (1986), Nísia Floresta (1989), Jauss (1979) e Zilberman (2003) to subsidize research on issues concerning the construction of identity and the female subjectivity, both marked by the psychological mindset of the characters as well as the relationships of power and gender, which focus on women's thinking.

Keywords: Children's Literature - Identity - Emancipation female

REFERÊNCIAS

ALEMBERT, Zuleika. **Feminismo**: o ponto de vista marxista. São Paulo: Nobel, 1986.

AUGUSTA, Nisia Floresta Brasileira. **Direitos das mulheres e injustiça dos homens**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1989. (Biblioteca da Educação, série 3, v.3, Mulher tempo).

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1998.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. **A adaptação literária para crianças e jovens: Robinson Crusóé no Brasil**. Tese de doutorado. Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006.

ENROLADOS. Produção: Walt Disney Animation Studios. Distribuição: Walt Disney Pictures. Pixar, 2010.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. *In: _____ et all. A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Trad. de Luiz Costa Lima. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MILL, John Stuart. **A sujeição das Mulheres**. São Paulo: Escala, 2006.

PENTEADO, Maria Heloísa. **Rapunzel. Os sete corvos**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1996.

WACQUANT, Loïc. **As prisões da miséria**. Jorge Zahar Editor, 1999.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.